IVPITER

JUPITER - REVISTA DE ASTROLOGIA - PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL - ANO I Nº 00 - JUNHO 1979

Ensino da astrologia: um desafio

Não falem mal de Saturno

Um livro para você: Alquimia moderna

As doze tarefas do Zodíaco

Cr$ 80,00

IVPITER

JÚPITER
REVISTA DE ASTROLOGIA

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL
ANO I, nº.00
SÃO PAULO, JUNHO 1979

Diretor de Redação
Olavo de Carvalho
(Reg. M. T. 8860)

Redação e colaboradores
Antonio Carlos Harres
(Redator-chefe)

Mary Lou Simonsen
Juan Alfredo César Müller
Alcides Lemos
Marcio Del Cistia

Correspondentes
Emma C. de Mascheville
(Porto Alegre)
Maria Eugênia de Castro
(Rio de Janeiro)
Carlos Asp
(Florianópolis)
Jorge Eduardo Aguiar
(Brasília)

Editado e distribuído pelo
Departamento de Publicações da
ESCOLA JÚPITER DE ASTROLOGIA
Rua Raggio Nóbrega, 40
Jardim América
CEP 01441

Planejamento gráfico
e composição:
ANDRADE & BARBOSA ASSOCIADOS
R. General Jardim, 608
CEP 01222 São Paulo SP
F. 256-3146 - 259-0135

Impressão:
GRAPHIS ARTES GRÁFICA
Rua Amália de Noronha, 343
Pinheiros — CEP 05410
F. 280-3220

Publicação filiada ao
CENTRO DE PESQUISA
E DIFUSÃO DE
ASTROLOGIA (CEPEDAC)

Número avulso: Cr$ 80,00
Assinatura anual: Cr$ 300,00
(4 números)
Número atrasado: Cr$ 100,00

Os artigos assinados
não refletem necessariamente
a opinião da revista

ÍNDICE

ENSAIO

Uma nova maneira de ensinar astrologia 4

por Olavo de Carvalho e Antonio Carlos Harres

ESPECIAL: LIVRO

Alquimia moderna

por Juan Alfredo César Müller 12

COMENTÁRIO

Não me falem mal de Saturno 21

por Emma C. de Mascheville

CLÁSSICOS DA ASTROLOGIA

As doze Tarefas 24

por Martin Schulmann

ANÁLISES & PROGNÓSTICOS

Junho-Agosto: Aspectos e posições planetárias 27

por Antonio Carlos Harres

Capa: Oddhin-Wotan,
o Júpiter escandinavo.
Ernst Lehner, **Symbols, signs & signets**,
New York, Dover, 1950.

Propósito

Na mitologia, assim como na tradição astrológica, Júpiter governa a ordem e harmonia entre as partes do organismo cósmico. É uma divindade benevolente, que acolhe e protege, mas é também o gerador dos grandes entusiasmos, dos impulsos generosos que arrebatam o homem para a busca de novos e mais amplos horizontes.

Sob a divisa desse nome e a inspiração desse arquétipo, **JÚPITER,** *primeira revista de astrologia de circulação nacional, pretende reunir astrólogos de todos os grupos, correntes e escolas, oferecendo-lhes ao mesmo tempo um estímulo e um instrumento para a divulgação do seu trabalho, de modo que este possa contribuir para a abertura de novas possibilidades culturais no país.*

Fiéis às palavras que subscrevemos no ano passado, na **Declaração** *do I Colóquio Brasileiro de Astrologia, julgamos ter soado a hora para o ingresso do pensamento astrológico no panorama da cultura nacional. Acreditamos que se trata de uma necessidade básica e urgente, tanto para os astrólogos, que devem assim sair dos seus redutos e submeter seu trabalho, corajosamente, ao olhar crítico do público, quanto para os estudiosos em geral, que encontrarão na abordagem astrológica a possibilidade viva de novas sínteses e novas visões, de espantosa claridade e coerência, sobre a vida humana no universo.*

A urgência de um exame e de uma recuperação da tradição astrológica é reconhecida por todas as vanguardas criadoras do pensamento mundial, que tendo à frente um Lévi-Strauss, um Gilbert Durand, um Raymond Abellio, buscam um enfoque abrangente que possa integrar, num sistema orgânico, os amontoados dispersos de conhecimento que a ciência dos dois últimos séculos nos legou. Nos últimos ciquënta anos — contra todo conformismo acadêmico e contra toda a desfiguração promovida pelos meios de comunicação de massa — homens como Jung, Gabriel Marcel, Henry Miller, André Breton, Gaston Bachelard, Wolfang Pauli, Arthur Koestler e tantos outros, contribuiram para restaurar a verdadeira fisionomia do sistema astrológico, levando a mente moderna a reencontrar a beleza e a complexidade de um dos maiores edifícios intelectuais que a humanidade já concebeu. Hoje sabe-se que, no esforço de integração do conhecimento, o enfoque astrológico é uma ferramenta preciosa e essencial. E não é preciso ressaltar a urgência e a sede com que a cultura moderna, ao emergir de uma época de fragmentação, que havia reduzido o homem a um amontoado de estilhaços, aspira pela reconstituição de um universo que já não seja a ratoeira cósmica, que nos aprisiona entre as molas do agenciamento mecânico das causas e efeitos, mas, novamente, a Casa do homem, seu caminho, seu destino e seu significado.

No momento em que a universidade brasileira, num gesto de pioneirismo e coragem, segue o exemplo de universidade suíça e alemã e abre suas portas ao ensino da astrologia , a passagem de Urano — planeta significador da astrologia — pela culminação superior do céu astrológico do Brasil, representa um chamado que hoje temos o dever e a possibilidade de atender.

O propósito de **JÚPITER** *é contribuir para que a imensa riqueza representada por milênios de investigação e arte astrológica possa chegar até os estudiosos brasileiros e fecundar com novas sugestões, com novos enfoques e uma nova linguagem a criação permanente da cultura nacional. De uma cultura que, tendo superado todo provincionismo e toda inibição intelectual, se abra, frondosa e viva, para o desafio de pensar o homem em escala cósmica.*

O.C.

N.R. - Aviso aos assinantes: Por motivos teóricos, não foi possível dar a continuidade prometida aos artigos publicados no número 0. "Astrologia e teoria do conhecimento", sairá na íntegra, no número 2, e "Os astros na medicina medieval" no número 3.

UMA NOVA MANEIRA DE ENSINAR ASTROLOGIA

por Olavo de Carvalho e Antonio Carlos Harres

Na absoluta maioria dos casos, o ensino da astrologia — quer promovido em escolas, quer o ensino transmitido através dos manuais que se encontram nas livrarias — consiste, sumariamente, no seguinte:

a) Regras para o cálculo de mapas, ora resumidas em simples indicações práticas, ora desdobradas a partir de complexas e pesadas informações astronômicas e matemáticas sem significado astrológico correspondente.

b) Descrição das "características psicológicas" associadas aos signos do Zodíaco, com a subsequente enumeração de seus "defeitos" e "virtudes".

c) Regras práticas para a interpretação dos "planetas nos signos", dos "planetas nas casas" e dos "aspectos".

d) Conselhos práticos para a interpretação de mapas, ora baseados na "longa experiência" do autor, ora fundados em verificações estatísticas de critério mais que duvidoso.

Às vezes, acrescenta-se, à maneira de apêndice ou de observação marginal sem nenhuma conexão lógica com o resto, um capítulo sobre os "fundamentos" da astrologia. Esse capítulo consiste, geralmente, em vagos apelos à "sincronicidade", aos "relógios biológicos" ou à Tábua de Esmeralda — encarregados da difícil função de explicar tudo.

Ao fim de anos de estudo, o aluno encontra-se entupido de expressões barrocas como "júbilo" e "exaltação, "maléfico" e "benéfico", "aflito" e "exilado", e luta em vão com os temas astrológicos de seus amigos e familiares, tentando encaixá-los à força nesses conceitos.

O resultado de tais processos pedagógicos é claro. De um lado, a astrologia surge como um edifício inteiro e acabado *em seus mínimos detalhes,* um maço compacto de regras geométrica e minuciosamente rígidas, ante o qual a mente moderna só teria duas opções: a aceitação ou a negação em bloco. Não se distingue, sequer, entre os princípios gerais, abstratos e teóricos da astrologia, e sua aplicação concreta por este ou aquele autor. Parece que é forçoso tomar como verdadeiro — ou falso — *tudo* o que se escreveu sob o nome de astrologia, dos babilônios até hoje. Morin e Ptolomeu, que viveram milênios depois do surgimento do núcleo básico da intuição astrológica — e cujas obras não são mais do que a tradução, precária e limitada, dessa intuição básica às circunstâncias de

um dado momento e de uma dada cultura — são entronizados como papas, e suas sentenças elevadas à condição de dogmas, que o astrólogo de hoje deve subscrever — e o adversário da astrologia rejeitar — *in otum*. O leitor não-astrólogo, que até se disporia a aceitar a lógica subjacente a determinados preceitos gerais astrológicos, como a lei da analogia, se vê obrigado a engolir, junto com ela, a regra segundo a qual os nativos de signos animais acabam devorados pelas feras na arena e os que nascem com "maus aspectos" de Júpiter morrem por sentença judicial (o que equivale à condenar à pena capital um quarto da população). O bestialógico astral é sem fim. O núcleo vivo da intuição astrológica surge encoberto e distorcido por camadas e camadas de acréscimos exóticos anexado pelas várias épocas e que renitentes, permanecem ali grudados, até hoje, como se aspirassem a sugar um pouco da sua eternidade.

Por outro lado, o aluno, carregado de regras e preceitos absolutamente impossíveis de demonstrar, assume posições e adere a opiniões de maneira inteiramente emocional e arbitrária. Alguns juram bater-se até a morte por uma "astrologia científica" que não é mais do que o estudo estatístico das tabelas e regrinhas de Morin; outros dispõem-se a caminhar até o patíbulo em defesa dos princípios de "astrologia esotérica" recebidos por alguns autores em transe mediúnico. Um terceiro grupo acha que tudo se resolverá se "corrigirmos" o Zodíaco trópico para o sidéreo, e finalmente um quarto partido julga que é preciso recriar a astrologia, com o nome de "cosmobiologia", fundada unicamente no modelo das ciências da matéria — um modelo que, de resto, nas palavras de Daniel Verney, será "tanto mais fascinante quanto mais sumária for a cultura científica" do interessado. Proliferam, então, as disputas de escolas e a exclusão mútua entre capelas, e as certezas em jogo são tanto mais ousadas quanto maior a ignorância e maior a impossibidade, em que a maioria se encontra, de explicar *o que* é astrologia, *como e por que* ela funciona.

Necessidade básica do ensino astrológico

Num momento em que a astrologia, em todo o mundo, atrai a atenção e suscita o estudo dedicado de pensadores de primeiro plano, e em que uma universidade brasileira abre um curso com o título de "Astrologia clínica", é uma obrigação elementar dos astrólogos, e sobretudo dos professores de astrologia, a de por um fim a essa confusão.

A necessidade mais urgente, no panorama do ensino astrológico, sobretudo no Brasil, é a de *voltar à simplicidade a às evidências básicas*. A de não aceitar — nem rejeitar, é claro — o que não se compreende, o que está obscuro, inexplicado ou indefinido. É preciso, antes de tudo, estabelecer um limite entre o que *sabemos que sabemos,* o que *temos a possibilidade de saber* e o que *ignoramos radicalmente.*

Para formar uma idéia do panorama da ignorância astrológica, basta atentar para o fato de que um número imenso de textos astrológicos fundamentais — como por exemplo os de Newton — permanece inacessível. Um número igualmente grande perdeu-se através da história. Tábuas e tábuas babilônicas com cartas astrológicas em caracteres cuneiformes aguardam, no Museu Britânico, quem as decifre, compute e explique. Podemos afirmar que sabemos o que é a astrologia, se desconhecemos alguns de seus mais altos e significativos momentos? Pois não são os momentos mais altos que definem a natureza de um saber — a gravitação e a relatividade na física, as sonatas de Beethoven na música?

Por outro lado, mesmo os textos disponíveis raramente são consultados. A maioria dos astrólogos e estudantes que conhecemos gasta meses e anos no estudo dos "manuais", e nem sequer se lembra de fazer um estudo em profundidade do *Timeu,* das *Enádas* de Plotino, dos textos astrológicos de Paracelso e Kepler, Agrippa e Marsilio Ficino. No entanto, está claro que, se existe um conhecimento astrológico, ele está antes nesses textos do que nos manuais que os traduzem em termos "práticos".

Ensinar a descobrir a astrologia

Diante desses fatos, não podemos ensinar astrologia como se ensina a dirigir um automóvel, ou a tricotar — dando regras prontas e práticas, úteis e definitivas, que só resta aplicar com certa habilidade — nem mesmo como se ensina geografia ou física, transmitindo um conjunto mais ou menos sólido de métodos e resultados, de certa maneira prontos, ou ao menos aptos a servirem, sem alteração, de base para desenvolvimentos posteriores na mesma direção. O que podemos, isto sim, é ensinar a descobrir a astrologia — uma astrologia que, tal como nossos alunos, não possuímos. O professor de astrologia não é o possuidor de um tesouro, pronto a prodigalizá-lo a seus atentos pupilos: é o possuidor do mapa de um tesouro. De um mapa incompleto, roto em alguns pedaços, e ilegível em grande parte. O que ele pode fazer é mostrar aos alunos os fragmentos que possui, dar-lhes algumas indicações sobre a técnica de reconstrução, e esperar que um dia eles possam ajudá-lo a refazer o traçado inteiro. Ele não pode levá-los até o território astrológico, nem mesmo até a fronteira onde ele começa: pode apenas conduzi-los até a estrada que, se o mapa estiver certo, conduzirá um dia a mente moderna até lá.

Para isso, o primeiro requisito é que o professor de astrologia tenha uma consciência muito clara dos rombos e vazios que há no seu conhecimentos.

O segundo requisito — ainda mais incompatível com as maneiras habituais de ensinar astrologia — é, antes, de natureza psicológica. Hoje, no mundo todo, homens do mais alto gabarito intelectual e espiritual empenham-se na reconstituição do saber astrológico; e este

trabalho, como tudo o que já se fez de grande e sólido neste mundo, não envolve apenas o exercício de algumas faculdades intelectuais e de algumas técnicas de investigação, mas a *abertura* pessoal, interna, a um conhecimento francamente explosivo, que pode romper todas as seguranças dogmáticas e todos os apegos do indivíduo e da coletividade às suas convicções e hábitos rotineiros — inclusive os hábitos acadêmicos e "científicos".

O conhecimento astrológico, por mais fragmentária que seja a imagem histórica que dele nos chega, tem pelo menos um traço inconfundível e onipresente: é que se trata de um conhecimento integrador, que traz as várias dimensões e forças do homem a um confronto, abolindo as barreiras seguras com que compartimentamos nossos desejos, idéias e imagens para evitar o entrechoque das contradições internas. O conhecimento astrológico conduz o indivíduo a um grau de integração psíquica notavelmente alto, que acelera suas funções intelectuais, intuitivas e emocionais, levando-o, entre chispas e clarões intuitivos não raro assustadores, a integrar em sua personalidade total desde as parcelas mais obscuras e reprimidas do seu ser, até algumas capacidades espirituais bastante altas das quais nunca havia suspeitado. É impossível fazer astrologia — pelo menos astrologia que preste — sem acelerar o processo do que os junguianos chamam *individuação*. A prática da astrologia traz a um confronto o céu, a terra e o inferno, e desse confronto o indivíduo emerge renovado — ou assustado — pela visão operante da totalidade ativa dentro e fora de si. Nesse sentido, a astrologia requer, mais que habilidade, as virtudes da coragem, da lealdade para consigo mesmo e, *last not least,* da fé.

Um requisito essencial: a fé

A fé, no caso, não é apenas uma virtude externa, que venha acrescentar-se à personalidade já pronta do astrólogo, coroando-a de um "algo mais": é uma qualidade *essencial* do aprendizado astrológico. Uma qualidade que o professor tem de ilustrar na prática, usando a sua própria pessoa como cobaia e amostra. Ele não poderá ensinar astrologia se não tiver aprofundado, no estudo do seu próprio mapa, a sua dimensão humana, e se não estiver disposto, quando chamado a isso pelos alunos, a narrar e explicar sua experiência astrológica pessoal, fundada no conhecimento da sua carta e na mais estrita honestidade ao analisá-la sozinho ou em público. Algumas aulas de astrologia assumem, assim, um aspecto verdadeiramente catártico, alunos e professores caminhando juntos de descoberta em descoberta, de espanto em espanto, no sentido do aprofundamento interior ou da abertura para uma instância transcendente.

Finalmente, não há sentido em estudar astrologia unicamente para "prever o futuro", e sim para *compreeender o destino*, para conscientizar de maneira viva e presente a racionalidade e o sentido global dos múltiplos encaixes e engrena-

gens sociais, genéticas, históricas, psíquicas, que se unificam na moldura geral da configuração astrológica para dar forma, sentido e direção à nossa existência.

Prever ou compreender?

Não se trata, aqui, nem da contemplação passiva e vagamente mística de um determinismo férreo, nem da futurição tecnológico-positivista que pretende *prever para prover, prover para poder.* Trata-se, isto sim, de alçar nossa inteligência pessoal até o nível onde possa romper seu isolamento e vislumbrar, enfim, sua condição de mera expressão limitada e local de uma inteligência cósmica. Trata-se de elevar o olhar humano desde a observação desolada de um destino coercitivo ou casual até a compreeensão maravilhada do destino geral como suprema obra de arte e expressão da Racionalidade. Trata-se de revogar a revolução anticopernicana que colocou a linguagem da comunidade humana no centro do universo e e reenquadrar a racionalidade humana no quadro cósmico que emerge e que lhe dá existência e forma. nesse sentido, a astrologia, superando as vãs disputas entre "determinismo" e "livre-arbítrio", eleva-se à condição de uma Teodicéia, de uma "justificação de Deus". Ensinar astrologia é, então, estancar no homem a "revolta metafísica" que o faz ver-se como um ser isolado e deserdado num universo sem sentido. É aplacar o ódio à Criação, tantas vezes confundido com a justa revolta contra a injustiça meramente humana. É substituir o "Orgulho da Razão" pela Dignidade da Consciência.

Por outro lado, esse alto ideal astrológico não tem de ser proclamado em tom retórico, mas vivido na prática cotidiana e no confronto com os fatos do saber contemporâneo. O astrólogo não pode encastelar-se num universo medieval onde tudo está explicado, e recusar-se a ver a tremenda expansão horizontal do conhecimento do mundo nos três últimos séculos. Ao contrário, a astrologia revela-se hoje, justamente, como o instrumento integrador por excelência, apto a unificar num quadro coerente conhecimentos das mais diversas proveniências, com um poder explicativo e estruturante inigualado. Para isso, no entanto, ela tem de absorver as contribuições do saber contemporâneo em toda a sua riqueza e variedade, por mais que esta riqueza e variedade ameacem, vez por outra, romper os quadros do referencial astrológico tradicional. A astrologia é a possibilidade, a promessa do saber integrado, e não o saber integrado, pronto e definitivo. Essa possibilidade permanece viva enquanto disposta ao confronto criador com a ciência contemporânea. E morre tão logo a astrologia se enrijece numa atitude óssea de falsa segurança.

Daí deduzem-se alguns preceitos que decidimos adotar na Escola Júpiter de Astrologia, e que nada têm de definitivos, mas representam tão-somente uma resposta momentânea à necessidade urgente de uma nova pedagogia astrológi-

ca. Essa nova pedagogia, que, em território das Américas, tem seus pioneiros em um Dane Rudhyar e numa Emma de Mascheville, encontra-se ainda longe de constituir uma prática geral. Os preceitos são os seguintes:

1. *Buscar sempre e em toda parte a evidência e a claridade.* O aprendizado da astrologia não consiste em decorar regras, mas na intuição direta e vivida de algumas verdades elementares. A parte mais discursiva do ensino não tem como meta estabelecer a doutrina, mas, mediante a crítica e a análise das noções habituais científicas e filosóficas do aluno, prepará-lo para que chegue sozinho a intuir o núcleo essencial da astrologia. Todos os filósofos, desde Hegel, concordam em que a razão é uma faculdade negativa, destinada antes a destruir as falsas convicções do que a estabelecer as verdadeiras, que devem sempre surgir da intuição direta, da evidência, submetida novamente, em seguida, ao trabalho formalizador da elaboração lógica. A crítica do conhecimento, o exame das condições em que a intuição astrológica pode frutificar adequadamente, este é o caminho de uma *filosofia da astrologia*.

2. *Estimular a criatividade pessoal na prática astrológica.* Uma vez tendo chegado a um núcleo essencial, o aluno deve ser estimulado à variedade e riqueza nas aplicações práticas da astrologia, nas leituras de cartas astrais, e não à formulação pretensamente definitiva de regras invariáveis de interpretação. O desdobramento infinito e criador das possibilidades a partir de um núcleo essencial que, inexpresso, permanece oculto e imutável entre as dobras da variedade dos desempenhos individuais, este é o caminho da *arte do astrólogo*.

3. *Cultura, método, rigor.* No entanto, a eficácia do artista dependerá sempre do número e qualidade dos fatores que ele pode levar em conta no seu desempenho. Depende da sua cultura e do rigor da sua técnica. O astrólogo deve abrir-se ao conhecimento de tudo quanto é humano, deixar-se penetrar e modificar criativamente pela ciência contemporânea, por um lado articulando sempre os novos conhecimentos na distribuição coerente do sistema astrológico, e por outro submetendo o sistema astrológico a tantas quantas forem as modificações suscitadas ou exigidas pelo rigor das ciência moderna e pela descoberta de novos e novos fatos. Este é o caminho da *ciência astrológica*.

4. Por último, todo o saber acumulado pelo astrólogo de nada servirá se não o encaminhar para uma compreensão aumentada da sua própria inserção pessoal num destino e num sistema global — histórico, social, cósmico e para uma maior aproximação entre a sua personalidade e a essência intemporal de onde tudo emana. O astrólogo deve arriscar-se ao encontro com a verdade e a totalidade. E deve arriscar-se a um confronto com a variedade dos fatos, seguro de que, por trás

de toda a aparente e rica multiplicidade, jamais encontrará apenas o caos, mas voltará, sempre e sempre, à mesma fonte una e eterna, e que por isto estará sempre em casa, por mais que se tenha afastado de seus hábitos e sentimentos rotineiros. deve ter a coragem de alçar-se em direção à luz, certo de que ela não o cegará; e de aprofundar-se até as mais remotas trevas do subconsciente, seguro de que mesmo as forças turbulentas que ali se entrechocam se harmonizarão à luz do Todo, revelando, mesmo naquilo que desprezamos e tememos, uma função, um sentido e uma nobreza. Este é o caminho da *fé astrológica:*

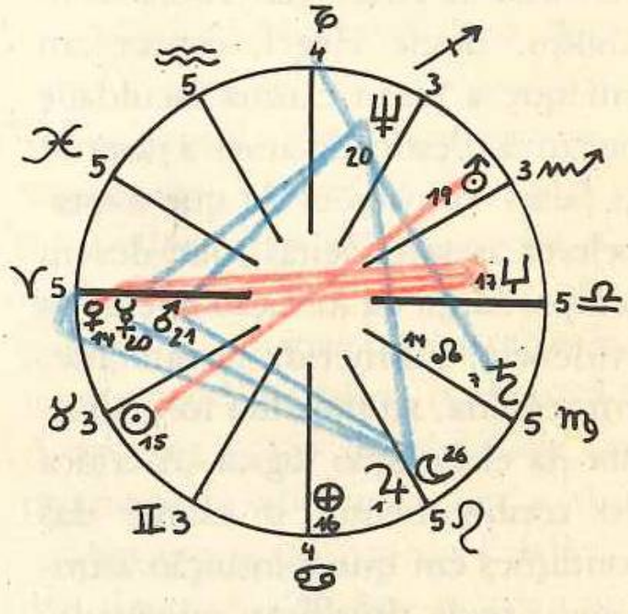
•

Para o estranho ao universo astrológico parecerá apenas uma coincidência, mas os astrólogos saberão reconhecer um dado altamente significativo, o fato de que tais idéias se refletem de maneira evidente na configuração astral do momento em que fundamos essa escola, momento que escolhemos deliberadamente em função das analogias que apresentava.

A criatura e a Criação

Um horóscopo é sempre a expressão total da idéia criadora. E ele nos permite visualizar a essência e o significado daquilo que criamos, tanto quanto a colocação desta criatura dentro da Criação. Porque não são apenas os impulsos humanos que dão forma ao que pretendemos criar: sem a necessidade histórica, cultural e evolutiva, não há ressonância que permite a concretização. Isso nada mais é do que uma diferente expressão da antiga Lei hermética "Assim como está em cima, está embaixo". Ou seja: cada ato que toma forma tem seu conteúdo de significado *não somente no mundo humano, mas também no cósmico e trasncendental.*

Ao levantarmos o horóscopo de fundação desta escola, vemos que Júpiter se encontrava na 4ª.Casa, no signo de Leão (na mesma casa onde se encontrava a Roda da Fortuna, no signo de Câncer), o que, por si só, indica o fato de nos reunirmos àquela hora não era um simples resultado da união de impulsos pessoais.



São Paulo SP
5 de maio de 1979
4h26 AM

Mas nós mesmos só fomos constatar o alcance desse fato quando, na manhã daquele mesmo dia, deparamos com uma reportagem de duas páginas no *Jornal da Tarde,* que, sob o título "As surpresas de Júpiter", expunha as descobertas da sonda espacial *Voyager-I,*

que, nas palavras do astrônomo Robert Jastrow, atribuem ao maior planeta do sistema solar o papel de "cadinho da vida" ou de "laboratório da natureza para a evolução", que é exatamente o papel de Júpiter na tradição astrológica desde há milênios. E temos de nos confessar surpreendidos, maravilhados até, com a correspondência ou sincronicidade entre a fundação desta escola e a divulgação dessa notícia. As descobertas da sonda *Voyager* atestam, com clareza, que o significado filosófico e transcendental de Júpiter está sendo revivido pela consciência coletiva, agora ao nível da observação científica. É um velho costume entre os astrólogos, ao observarem a evolução histórica, o de não constatar nenhuma ampliação do universo exterior da humanidade sem buscarem, imediatamente, uma contrapartida na descoberta de uma nova dimensão interior. Portanto, a revelação de novos conhecimentos sobre o aspecto exterior e manifesto de Júpiter deve, necessariamente, estar acompanhada de um progresso da conscientização coletiva de seu significado interno e transcendente. E é exatamente o que vem acontecendo nos últimos anos, em todo o mundo, como se vê pela ânsia da cultura moderna no sentido de emergir de um estado de fragmentação e reencontrar uma visão totalizante e harmônica, a qual é, na astrologia, justamente uma das atribuições de Júpiter. A posição de Júpiter na 4ª. Casa, no Leão e em trígono com o Ascendente, revela que a reconquista dessa visão é um dos ideais maiores desta escola e, já que a 4ª a casa representa os fundamentos, uma das bases mesmas da sua existência.

Mas, no esforço dessa reconquista, não nos sentimos mais do que continuadores, herdeiros de todos os que antes de nós trilharam esse caminho, utilizando a ciência, a arte e a fé como instrumentos da preparação da consciência humana para uma visão mais ampla da vida. Sendo a 4ª, também, a casa dos pais e do passado, Júpiter aí colocado denota a nossa gratidão e a busca do frutificar dos ideais de homens como Albert e Leo de Mascheville, Ullo Getzel e tantos outros, que de forma deliberada ou não, atuaram nesse sentido..

E, por fim, esperamos que este Júpiter em Leão na 4ª.Casa faça desta escola um lar, uma família, que una aqueles que não somente tenham em seu coração a chama da ânsia do saber, mas também do amor humano, da alegria de viver, dentro do princípio de que "Mesmo que eu tenha todo o saber, se não tenho amor, não sou nada".

São Paulo, 7 de Maio de 1979*

* Aula inaugural da Escola Júpiter de Astrologia

EXTRA: um livro (raro) para você.

A partir deste número, JÚPITER começa a publicar, em fascículos, um dos livros nacionais mais raros — e mais procurados — no campo da astrologia e do hermetismo: **Alquimia moderna (Transpsicologia)**, por Juan Alfredo César Müller.

• Os fascículos podem ser destacados e colecionados.

Os fascículos de **Alquimia moderna** serão publicados sempre nas páginas centrais da revista, com numeração independente, podendo ser destacados e colecionados. Assim:

• Reserve já a capa do seu exemplar!

O livro todo levará seis edições para terminar de ser publicado, mas dentro de duas edições (novembro de 1979, portanto), já publicaremos a capa — plastificada e com uma belíssima ilustração medieval — para você encadernar seus fascículos. A capa custará Cr$ 20,00.

• Não mande dinheiro agora!

Para reservar sua capa, basta escrever para ESCOLA JÚPITER DE ASTROLOGIA, R. Rággio Nóbrega, 40 - CEP 01441, São Paulo, SP, pedindo a reserva para novembro. **Não mande dinheiro.** A capa será enviada pelo Reembolso Postal, e você pagará direto à agência do Correio mais perto de sua casa.

Juan Alfredo César Müller

Alquimia Moderna

(Transpsicologia)

Edição revista e anotada por Olavo de Carvalho

Departamento de Publicações da
ESCOLA JÚPITER DE ASTROLOGIA

São Paulo
1979

Juan Alfredo César Müller nasceu em 1927, em Buenos Aires, de pais suíços, e estudou psicologia em Zurich, com Szondi, Pfister, Jacobi, Pulver, Koch e outros. Psicólogo clínico, dirige em São Paulo a Sociedade Brasileira de Szondi, entidade dedicada ao estudo e divulgação da obra do psiquiatra húngaro L. Szondi. Proferiu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, entre abril e agosto de 1979, o primeiro curso de astrologia dado numa universidade brasileira. Presidiu, em 1978, o I Colóquio Brasileiro de Astrologia. É autor, além deste livro, de **A magia da vida** *(São Paulo, Edições Aldeia, 1974), e de duas traduções:* **Escolha da profissão**, *de J. Ungritch (São Paulo, Mestre Jou, 1965)* **Introdução à psicologia do destino**, *de L. Szondi (São Paulo, Manole, 1975).*

***Alquimia moderna (Transpsicologia)** foi lançada em primeira edição em 1967, pela Editora Cupolo Ltda., de São Paulo.*

A presente edição — em fascículos — é exclusiva dos leitores da revista **Júpiter**, *não podendo ser vendida separadamente.*

IVPITER

ESCOLA JÚPITER DE ASTROLOGIA
JÚPITER PROMOÇÕES CULTURAIS LTDA.
Rua Raggio Nóbrega,
40 — Jardim América
CEP 01441
Fone: 853-5946

Direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, por nenhum meio, no todo ou em parte, sem consentimento por escrito do autor e dos editores.

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I
MEU ENCONTRO COM O MAGISTER REGIOMONTANUS

Um sábado de setembro de 1950. Cidade de Zollikon, perto de Zurich. Estava em casa de meu professor de Aconselhamento Psicológico, Max Pfister, autor do Teste das Pirâmides Coloridas, preparando a tese que me daria o diploma de psicólogo. Sua casa, além de me fornecer uma vasta biblioteca, ainda me proporcionava o ensejo de trocar, todas as noites, valiosas impressões com o Professor e com meu dileto colega e amigo, Ulrich Moser, atual catedrático de Psicologia da Universidade de Zurich, e que na ocasião também era hóspede de Pfister.

Aos sábados, ambos colaboravam no acabamento de meu trabalho sobre o Teste de van Lennep, estruturalmente semelhante ao T.A.T.(1), *e jantávamos juntos. Esta noite, porém, parecia mais importante que as outras; foi o que deduzi das palavras de Pfister: "Coloque mais um copo à mesa e o melhor vinho do Reno, pois teremos uma visita."*

Com efeito, logo tocaram a campainha e apareceu à porta um personagem majestoso, chapéu cinza à cabeça — distintivo dos médicos — e trajando vestes medievais.

— Servus Magister: *já o esperávamos — disseram Moser e Pfister ao recém-chegado, o qual, assim que se instalou, dirigiu-se a mim num alemão medieval — que se entendia bem por ser muito semelhante ao dialeto falado ainda hoje em Zurich — dizendo:*

— *Sou Johannes Müller, e por ser seu antepassado tenho especial interesse em você. Vim para responder suas perguntas e melhor o encaminhar nas sendas da Psicologia.*

Johannes Müller ensinara Matemática e Astrologia em Heildelberg (de onde proveio seu cognome Regiomontanus, *latinização de Heildelberg, dedicando-se, mais tarde, à Medicina. Quando catedrático naquela Universidade, publicara um importante trabalho que ensinava a domificar os horóscopos, isto é, a considerar, além da data, a hora e o local de nascimento na sua interpretação.*(2)

Regiomontanus começou dizendo:

— Eu era um alquimista. Um psicólogo, como se diz hoje, já que ambos tentam dominar a arte da destilação. Os alquimistas procuram a purificação destilando elixires; os psicólogos usam a psicoterapia como destilador e também fazem magia mental.

(1) T.A.T. (*Thematic Apperception Test*): teste psicológico à base de lâminas em branco e preto, sobreas quais o testado deve narrar histórias, partindo de conteúdos projetivos. (*N.A.*).

(2) Johannes Müller, chamado o *Magister Regiomontanus* (Mestre königsbergense), astrólogo alemão (Königsberg 1436 - Roma 1476). Foi professor em Königsberg e Heildelberg, e em seguida chamado por Sixto IV a Roma (*N.E.*).

Pensamento unificante e pensamento dicotômico

O pensamento que você chama de moderno é dicotômico, não unificado ou unificante. Por isso, torna-se necessário o conhecimento das ciências não-oficiais, como a Matéria Médica Homeopática, a Astrologia, a Alquimia e correlatas. Somente assim se atinge um sincretismo cultural, e sabedoria é sincretismo do mundo do conhecimento.

No momento da união dual Mãe-Filho, o universo é mágico, universalista — e tal é o método de pensamento aplicado na Homeopatia. Mais tarde, com a cisão do ego, que originou o " tu", e com a identificação diversificada com a Mãe e com o Pai, nasceram as ciências analíticas, ditas modernas, inclusive a Psicologia, química do mundo do espírito. Portanto, é preciso reunificar esse universo do conhecimento, agora seccionado, fazê-lo renascer, e transportar o conjunto do lastro histórico para um alvo transcendente.

Esse é o seu dever, e é para auxiliá-lo que estou aqui, pronto para responder a todas as suas perguntas, muito embora seja este um caminho que deve ser percorrido a sós.

Psicoterapia é a conceituação da problemática humana vivenciada afetiva e intelectualmente.

Neurose: mentira esquecida.

Você aprendeu que a neurose pode ser o produto de um trauma de ordem pessoal. Para mim, no entanto, neurose é uma mentira esquecida, mas na qual ainda acreditamos. Bem e Mal, Verdade e Mentira, são, dentro do mundo do pensamento, meros pontos de vista. Assim, crescer e não revisar as lembranças e pontos de vista é propiciar o surgimento de neuroses. Pois o que ontem era verdade hoje é mentira. Desta maneira, a responsabilidade da neurose cabe somente ao próprio neurótico e não à mãe pouco cuidadosa ou ao pai muito severo. Não existem culpas, mas sim necessidades não atendidas ou negligenciadas. A diferença está na coragem, mas o que é a coragem?... Sinceramente, eu não sei explicar.

Lua, símbolo astrológico da união dual Mãe-filho.

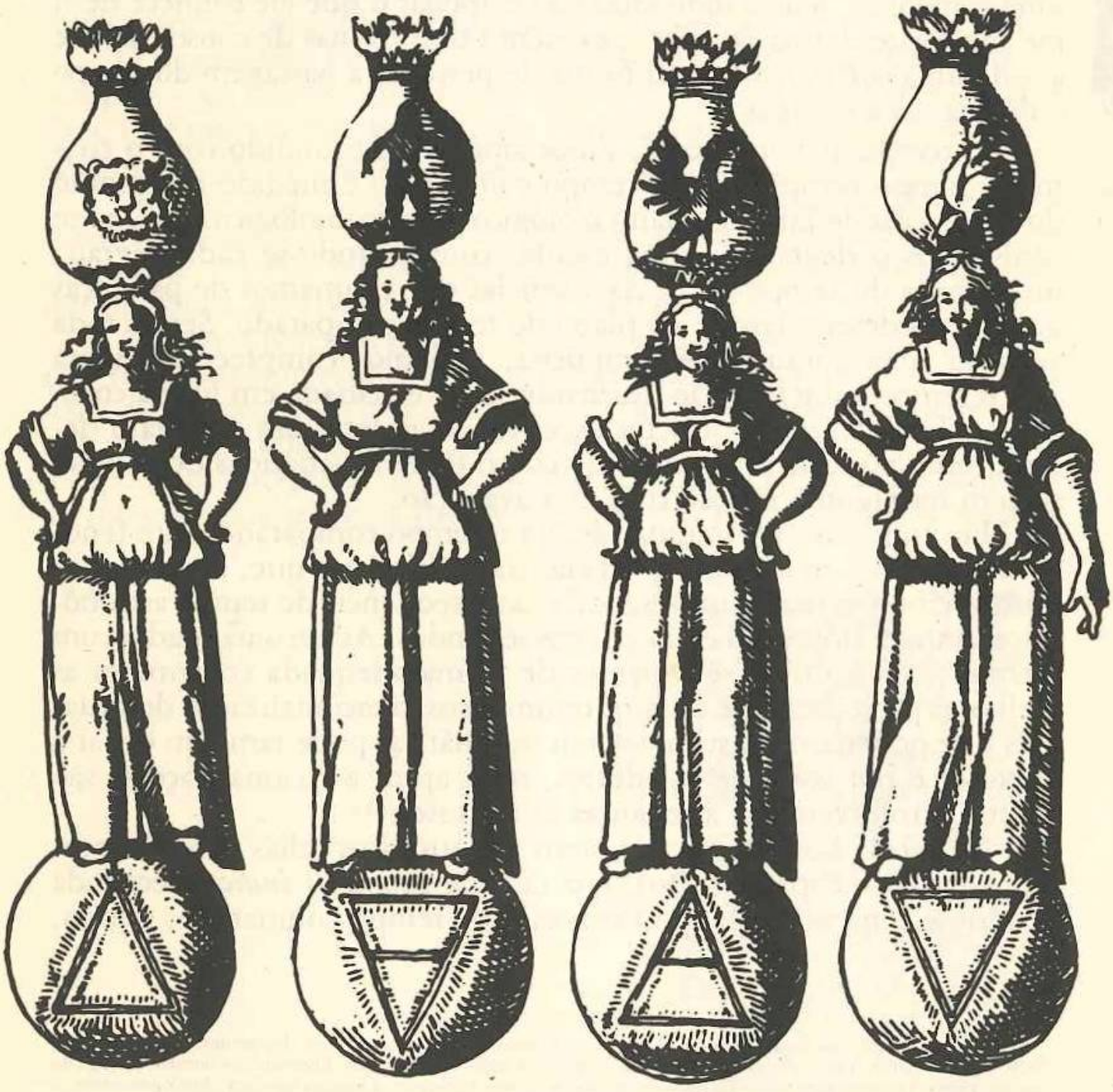
No seu trabalho não há julgamentos possíveis. Julgar é tentar ajudar, e esta atitude cria obrigações que vão além da finalidade do seu trabalho. Porém, se for indispensável um julgamento, perdoa em seguida. É o melhor a fazer, mesmo errando. Além do mais, julgar não é outra coisa senão visualizar um problema específico tendo como referência nossa própria concepção do mundo e não a da pessoa em questão. E isto, como é fácil de ver, seria uma injustiça.

Nunca se utilize de testes para medir a capacidade intelectual. A inteligência não representa a totalidade do ser, mas apenas uma das atividades dedutivas do intelecto.

Digo isso em seu próprio benefício e em benefício da sua evolução. Confesso que eu mesmo estou em processo evolutivo, e por isto preso ao mundo da verbalização.

Verbalizar e simbolizar

Verbalizar é errar, pois nada resiste a uma análise profunda. A análise destrói o objeto observado, exatamente como a luz destrói as moléculas no microscópio eletrônico. Somente a manipulação de símbolos evita a destruição — razão pela qual eu me utilizo deles. Também a Astrologia trabalha em profundidade, sem, porém, querer chegar ao âmago das coisas. O mesmo acontece quando se utiliza o LSD-25, conforme é do seu conhecimento. Com sua aplicação, muitas vezes alcança-se uma terapia dispensando-se a verbalização(3). Eventualmente, a psicoterapia em nível *psi* pode provocar um fenômeno idêntico: símbolo não verbalizado, transmitido telepaticamente.



(3) LSD-25 (ácido lisérgico): psicotrópico disléptico que pode provocar alucinações, aumentando a atividade do inconsciente e projetando-o no consciente em forma de símbolos. Paranóias provocadas por seu uso constante levaram à suspeira de que lesione as neuronas. Pelo menos *in vitro*, cria lesões. (*N .A.*).

Capítulo II
QUE É O TEMPO?

agister, disse eu: Gostaria que me explicasses o que é o Tempo.

— Aprendeste que o tempo é uma dimensão. Mas ele é energia, que vivemos, vetorializando-a em forma de movimento. Como temos a necessidade de projetar essa energia num determinado plano da consciência, ela passa a ser vivida como dimensão não-espacial. O tempo astronômico possui um desenrolar contínuo, que devemos chamar de lógico, e é usado pelo setor da personalidade que chamamos "ego". Este tempo ainda poderia ser confundido com uma dimensão. Mas o indivíduo não é apenas o que ele conhece de si mesmo e que chama de "Eu"; existem várias formas de consciência, e a cada uma corresponde uma forma de perceber a passagem do tempo e de usar essa energia.

Tempo astronômico

O tempo astronômico é, ilusoriamente, confundido com o chamado tempo comparado. O tempo comparado é medido em função do desenrolar de fatos no plano biológico ou psicobiológico. É como se subíssemos o degrau de uma escada, considerando-se cada degrau uma fração do tempo total. As vivências que chamamos de psíquicas ou afetivas desenrolam-se no plano do tempo comparado. Sendo toda vivência uma comunicação implícita, podemos compreender agora que o tempo subjetivo não desenvolve sua velocidade em forma constante. Uma alegria, se não for excessiva, o acelera, um trauma o detém. Supomos que o tamanho do corpo físico e as batidas do coração podem ter alguma relação com essa avaliação.

Tempo comparado

Em todo caso, os traumas detêm o tempo comparado. Este fenômeno explica o motivo das vivências traumatizantes que, atuando por muito tempo, criam neuroses, embora na sequência do tempo astronômico tenham sido vividas em poucos segundos. As personalidades com *imagos* (superegos) desenvolvidos de forma adequada constituem as melhores proteções ante os fatos traumáticos; a racionalização de situações que poderiam constituir-se em traumáticas pode também evitar a neurose; é por isso que os adultos, mais aptos a racionalizações, são menos permeáveis que as crianças às neuroses.(4)

Na escola homeopática existem psicotrópicos (aliás todos os produtos da Homeopatia o são); é o caso de *cannabis índica*, receitada quando o tempo parou.(5) O conceito de tempo comparado, porém,

(4) Na astrologia, o senhor do tempo é Saturno, ou Cronos, que é também o deus dos limites, restrições e proibições; seu herdeiro, Júpiter, inventa o calendário — o tempo astronômico — que, libertando os homens do jugo do tempo, permite o desenvolvimento da agricultura e da civilização e inaugura a história humana. Analogicamente, o Ego vence a neurose (a detenção do tempo comparado) estabelecendo uma cronologia, reescrevendo a história pessoal. Numa outra obra (*A magia da vida*. São Paulo, Aldeia, 1974), o autor define a cura psicológica como a passagem de uma vivência saturnina para a vivência jupiteriana do tempo. (*N.E.*).

(5) Léon Vannier, em seus *Précis de Matière médicale homoeopathique* (Paris, Doin, 1968, p. 116), descreve assim os efeitos psíquicos da *Cannabis indica:* "Super-excitação mental com afluxo de idéias estranhas sobre as noções de espaço e de tempo. Alucinações sensoriais. Desdobramente da personalidade. Tudo parece assumir uma grandeza considerável; os minutos parecem séculos; alguns metros parecem quilômetros." Em diluição homeopática, a mesma substância contrarresta esses sintomas, quer sejam produzidos pela própria *Cannabis indica* ou por outros agentes. (*N.E.*).

não pode ser aplicado nos casos de regressão vivencial, tal como acontece com a hipnose e o lisérgico, usado experimentalmente.

Função do ego: a historicidade pessoal.

Note que a minha forma de expressão é a síntese da atividade intelectual dedutiva e de formas analógicas de expressão. O sistema analógico, que a Psicanálise considera infantil e "mágico", é imprescindível como método de pesquisa, evitando que caiamos num racionalismo inútil. Só poderemos abandonar os métodos analógicos quando os conhecimentos técnicos o permitirem. Agiremos como uma grande companhia americana que exportava abacaxis do Havaí; os abacaxis deviam amadurecer a tempo de embarcarem nos navios; a princípio utilizaram-se os bons serviços de um feitiçeiro, que, com rituais de magia, obtinha o resultado desejado; posteriormente foi descoberto que se os hormônios da planta fossem bem dosados produziriam o mesmo efeito; resolveu-se então, através da química, o problema do tempo astronômico e comparado dos abacaxis. Por isso penso que os maiores progressos da Medicina estão nas mãos dos químicos e biólogos, que desbravam os campos do futuro.

O mecanismo psíquico, que conceitualiza e vetorializa a vivência-tempo — ao mesmo tempo que efetua o seu contrôle afetivo — é o *Ego*. Este mecanismo, ponte entre o instinto e o intelecto, como ensina seu mestre Szondi, tem a função da historicidade pessoal.

Identificando o corpo físico com o tempo lógico, não chegamos a notar a existência do tempo comparado, que é o tempo subjetivo, inconsciente, e é este tempo comparado que provoca os desvios da paranormalidade, observados por Soul e Cavernet.(6)

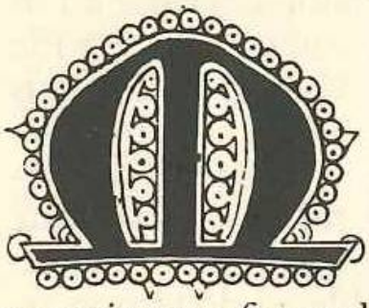
As capacidades humanas encontram-se em nossa esfera divina e não no nosso intelecto. Vistas as coisas por este ângulo, não existem mais dicotomias, pois o ego passou a ser um órgão sem qualidades e assim não mais uma projeção, tendo por função coordenar a "vivência-tempo" em energética, conforme as necessidades conceituais, sociais e afetivas de cada ser. Esta coordenação produz a nossa história subjetiva.

Saturno, símbolo astrológico do tempo

(6) Soul e Cavernet, discípulos de Rhine, descreveram o fenômeno do desvio-padrão na paranormalidade. Um exemplo é o paranormal que, chamado, por exemplo, a adivinhar a sequência de cartas de baralho, anuncia *sistematicamente* a terceira carta seguinte, imaginando que seja a primeira; no caso, só depois de estabelecido o desvio e respectiva correção é que se obtém a verdadeira avaliação das capacidades paranormais do sujeito. (N.E.)

Capítulo III
QUE É PSIQUE?

Psique: origem da energia.



agister, que é Psique?

— Assim como o "Eu" é o orgão que coordena a vivência, isto é, a energia, a psique a fornece. Ela é tudo o que ignoramos em nós. A psique não coordena, não avalia, por não ser um órgão de historicidade e controle como o "Eu", mas altera, via ego, o plano de expressão dessas energias. A energia transformada recebe o nome de símbolo; símbolo é o aspecto homeomórfico de uma realidade psíquica.

Você deve se lembrar de ter-se deparado, em seus estudos de termodinâmica, com a Topologia, a geometria de Poincaré, a qual incluia mais de um plano de realidade em seus cálculos. Por exemplo: uma esfera que passe de uma dimensão para outra deixa na primeira tão somente uma linha curva; esta linha curva é o aspecto homeomórfico da esfera, ou seja, o seu símbolo. Suponha agora que esta esfera seja energia armazenada em outro plano e que, conforme as solicitações de ordem lógica ou analógica e com a intervenção do ego, passe a ser utilizada pela psique. Vemos assim que a psique é um transformador de

O "Olho de Deus", símbolo medieval da onipresença da Psique

Psicoterapia: recodificar a expressão da energia pelo ego.

energia e como tal não recebe a atuação da psicoterapia; esta, ao contrário, vai atuar sobre o ego, reescrevendo sua história, alterando a codificação de suas manifestações. Consegue-se a alteração da codificação, recriando, para cada caso, circunstâncias de dependência afetiva iguais àquelas que cercaram os fatos, ou seja, criando situações de transferência, como diz você; somente assim será possível apagar uma manifestação e criar outra. Manifestação é história, tempo comparado, ego. Psiqué é a energia incomensurável em si e merece os atributos de onipotente, oniconsciente e onipresente que nós atribuimos a Deus. Deus não tem atributos, como explicou meu colega Meister Eckhart. Tudo é energia e nada mais; logo tudo é "psíquico", não só é possível que a psique possa governar a matéria, como acontece na telecinesia, pois, embora em planos dimesionais diferentes, também a matéria é energia; energia com tempo subcrítico, diria eu para ironizar. Psique é matéria feita luz, matéria com velocidade crítica, se você puder aceitar que velocidade é tempo expressado.

Não me falem mal de Saturno

por Emma C. de Mascheville

Capítulo do livro **O que o céu e os homens me ensinaram,** *a ser publicado brevemente, este artigo de Emy de Mascheville comenta e explica o sentido da frase de Paracelso: "Não é o Saturno acima de nós, mas o Saturno dentro de nós que nos atormenta". Com sua costumeira simplicidade e força de inspiração, a grande astróloga de Porto Alegre nos dá aqui não só uma lição de vida, mas um exemplo de aplicação perfeitamente simples e clara do método analógico para a descoberta do significado e da dinâmica de um planeta.*

Se a primeira questão que o estudante de astrologia enfrenta é a do determinismo e livre-arbítrio, a segunda é o problema do "bem" e do "mal".

No início, todos têm a preocupação de saber se o planeta regente do mapa que estudam é benéfico ou maléfico, se o signo Zodiacal é favorável ou desfavorável. Se procuramos algum benefício no estudo da astrologia, devemos varrer desde o princípio todos esses preconceitos.

Como seria possível que o Criador, na Sua sabedoria, tivesse criado acima e ao redor de nós forças, irradiações, que nos sujeitassem necessariamente ao mal só para depois sermos condenados pelo próprio Omnijusto?

Toda Criação fala do Criador, e por isto tudo o que está na natureza expressa a Sua sabedoria. Nossa incapacidade de compreender as leis divinas da natureza, nossa luta contra a Sua sabedoria, causam o nosso sofrimento — e não os planetas e signos zodiacais. Todos eles produzem em nós energias, vibrações, que alimentam diversas qualidades e virtudes.

Tomemos, por exemplo, Marte e Saturno, os mais difamados. Marte é, parcialmente, considerado um planeta mais evoluído que a Terra. Se é mais evoluído do que nós, por que sua vibração sobre nós será de violência e ódio?

Analisando a dosagem de energia, de coragem e força de vontade segundo a posição do planeta Marte, veremos que de fato tais qualidades são graduadas segundo a intensidade da influência de Marte. Mas, se o homem usa essa energia recebida, doada, para finalidades de egoísmo e egocentrismo, provocando lutas, guerras, violências, ou não controlando as energias, deturpando-a entre as paixões, quem é o culpado: Marte ou o homem?

Não recebeu o homem, com a fagulha divina da vida, a consciência? Não se aplicam o direito e o dever de dominar a natureza não somente ao usufruto da natureza abaixo de nós, mas também às energias dentro de nós?

Em épocas de guerra, notaram-se as influências negativas de Marte. Quer dizer: a humanidade não conseguiu sintonizar a influência de Marte, e na incapacidade de receber e analizar o estímulo que vem do Alto e volta do Alto, expressou mediante a agressividade desencadeada sua falta de domínio da energia recebida.

Maus augúrios. Embora possamos, pela marcha dos planetas, calcular quando se processa em nós essa fraqueza humana, não devemos culpar o planeta pela imperfeição da consciência humana.

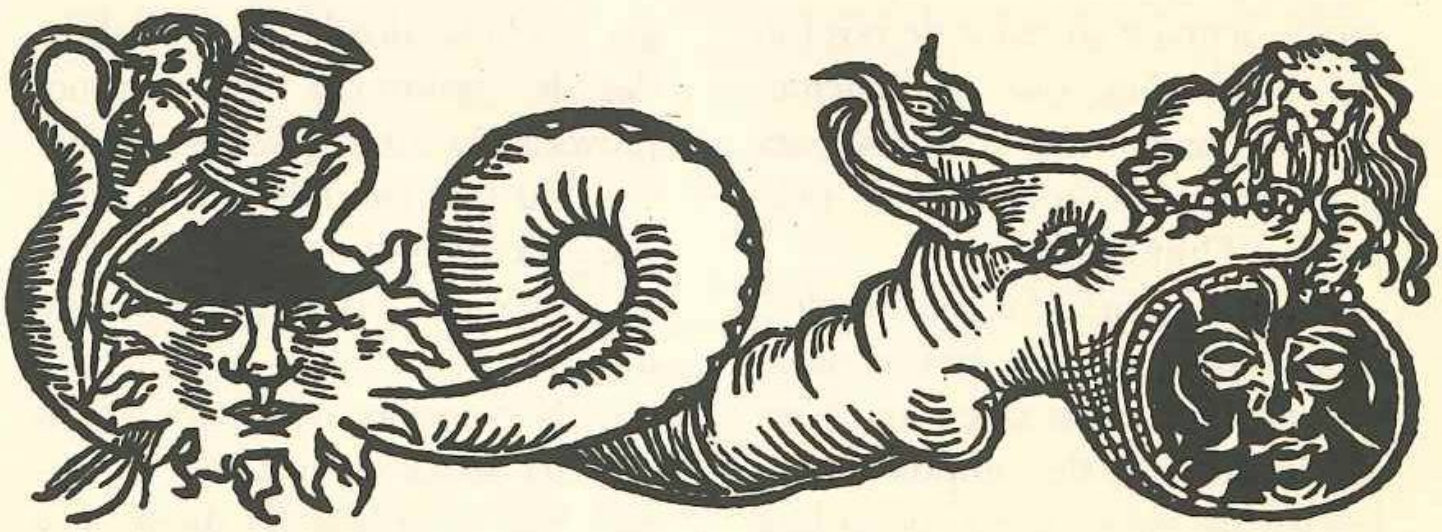
Em agosto de 1956 havia uma aproximação de Marte que brilhava mais do que Vênus nos seus melhores dias. O povo olhava e espalhava boatos sobre o Mau Augúrio desse fenômeno celeste. Nessa ocasião escrevi este artigo:

"Olhemos com confiança as maravilhas do Céu que estão acima de nós e procuremos compreender e controlar as razões da nossa própria imperfeição!

"Também é o que diz Paracelso, quando defende o mais belo dos planetas, que com seu anel brilhante gira majestosamente ao redor do Sol. Todos os que se interessam pela astronomia procuram dirigir o telescópio para admirar essa beleza sideral, e nós na astrologia o difamamos como se fosse a origem da nossa cruz, nosso peso e obstáculo.

"Será possível que um planeta irradiar ao mesmo instante vibrações completamente opostas, criando em uns a reação de fé, confiança, fidelidade, sinceridade e segurança e em seu vizinho o ceticismo a desconfiança, a frieza de sentimentos e o pessimismo? O problema das reações provocadas pelas vibrações externas não está na maldade do planeta que irradia, mas na capacidade de sintonização do homem que recebe.

"É isso o que diz par Paracelso ao declarar: **Não é o Saturno**



acima de nós, mas o Saturno dentro de nós que nos atormenta. Com "Saturno dentro de nós", ele quer dizer a nossa falta de fé, a nossa inexperiência, a nossa desconfiança.

"Na realidade a vibração de Saturno desperta em nós a **capacidade de fazer uso daquilo que conquistamos pelos nossos próprios esforços** ou pelo dos nossos antepassados; a capacidade de aprofundar e experimentar, de lembrar: é a Sabedoria que podemos alcançar através da experiência.

Há temperamentos que, do passado, lembram somente as alegrias. E há estados de alma em que enxergamos,em todo o passado que vivemos, a marca de uma finalidade, a prova de que toda a cruz que nos foi imposta teve como finalidade nosso progresso e evolução. A prova de que "não cai um cabelo da nossa cabeça sem a vontade do Pai".

"Nesse caso a vibração de Saturno desenvolve-se em fé, em confiança, em fidelidade, em senso de dever a responsabilidade. E a cruz se torna mais leve.

"Há os temperamentos e os estados de alma onde, do passado, rememoramos o que foi difícil, e achamos que não foi merecido. Em resultado enfrentamos as situações do presente com medo, com desconfiança, com angústia, com depressão, pessimismo, falta de fé. E a mesma cruz se torna pesada.

"A olho nu, com a nossa visão humana, podemos somente enxergar sete corpos celestes no nosso sistema solar. Saturno é o último deles. É a última etapa da escala planetária visível. Depois dele existe a escala dos planetas invisíveis, que começa com Urano; esta escala torna-se mais visível para nós somente através dos aparatos da ciência.

"Saturno é o planeta que desperta em nós as provas que, na escala da evolução, nos conduzem do visível ao invisível. ele é o mestre-escola que precisamos enfrentar para passar do primário para o secundário.

"Quem raciocinou, quem se aprofundou, quem passou as provas do passado, enfrenta seu examinador com amor e alegria; ele ama seu examinador. Quem não soube alcançar em seu coração a fé e a confiança, sente angústia, sente medo na presença do mestre-escola. Se nas vibrações negativas de Saturno ainda sentimos desconfiança, pessimismo, angústia, remorsos, dores, é sinal de que nossa Fé ainda é fraca, ou de que ainda há algo a redimir.

Tomemos os anéis como um símbolo de um mundo separado em dois: concreto-abstrato, visível-invisível, ciência e fé. Para passar de uma parte a outra é necessário rodear-se dessa faixa luminosa da fé que resulta do saber, é necessário aproveitar-se das experiências do passado.

Saturno é o grande contabilista do passado, que cria a base do futuro. Que, da fé na experiência e da dor visível conduz à fé no invisível. Se tu não sentes ainda a sabedoria e a confiança que resultam da fé, se não possuis ainda a faixa luminosa de Saturno, a culpa não é dele". ■

As doze Tarefas

por Martin Schulman

Esta "alegoria", como o próprio autor a chama, foi publicada originariamente como um posfácio do livro **Karmic astrology: the Moon's nodes and reincarnation** *(Wellingborough, Northamptonshire, The Aquarian Press, 1977, vol. I, pp. 124-127), de onde o transcrevemos. O autor é um astrólogo inglês, diretor da Essene School of Astrology e autor de vários trabalhos, sobretudo a respeito da astrologia hindu.*

...E naquela manhã, Deus compareceu ante suas doze crianças e em cada uma delas plantou a semente da vida humana. Uma por uma, cada criança deu um passo à frente para receber o dom que lhe cabia.

"Para ti, Áries, dou a primeira semente, para que tenhas a honra de plantá-la. Para cada semente que plantares, mais outro milhão de sementes se multiplicará em tuas mãos. Não terás tempo de ver a semente crescer, pois tudo o que plantares criará cada vez mais e mais para ser plantado. Tu serás o primeiro a penetrar o solo da mente humana levando Minha Idéia. Mas não cabe a ti alimentar e cuidar dessa idéia, nem questioná-la. Tua vida é ação, e a única ação que te atribuo é a de dar o passo inicial para tornar os homens conscientes da Minha Criação. Por esse trabalho, Eu te concedo a virtude do Respeito por Ti Mesmo".

Silenciosamente, Áries retornou ao seu lugar.

"Touro: A ti Eu dou o poder de transformar a semente em substância. Grande é a tua tarefa, e requer paciência; pois tens de terminar tudo o que foi começado, para que as sementes não sejam dispersadas pelo vento. Não deves, assim, questionar; também não deves mudar de idéia no meio do caminho, nem depender dos outros para a execução do que te peço. Para isso Eu te concedo o dom da Força. Trata de usá-la sabiamente."

E Touro voltou para seu lugar.

"A ti, Gêmeos, Eu dou as perguntas sem respostas, para que possas levar a todos um entendimento daquilo que o homem vê ao seu redor. Tu nunca saberás por que os homens falam ou escutam, mas em tua busca pela resposta encontrarás o Meu dom, reservado para ti: o Conhecimento."

E Gêmeos voltou ao seu lugar.

"A ti, Câncer, atribuo a tarefa de ensinar aos homens a emoção. Minha Idéia é que provoques neles risos e lágrimas, de modo que tudo o que eles vejam e sintam desenvolva uma plenitude desde dentro. Para isso Eu te dou o dom da Família, para que tua plenitude possa multiplicar-

se.''

E Câncer voltou ao seu lugar.

''A ti, Leo, atribuo a tarefa de exibir ao mundo Minha Criação em todo o seu esplendor. Mas deves ter cuidado com o orgulho, e sempre lembrar que é **Minha** Criação, e não tua. Se o esqueceres, serás desprezado pelos homens. Há muita alegria em teu trabalho; basta fazê-lo bem. Para isso, Eu te concedo o dom da Honra.''

E Leo voltou ao seu lugar.

''A ti, Virgo, peço que empreendas um exame de tudo o que os homens fizeram com Minha Criação. Terás de observar com perspicácia os caminhos que percorrem, e lembrá-los de seus erros, de modo que através de ti Minha Criação possa ser aperfeiçoada. Para que assim o faças, Eu te concedo o dom da Pureza de Pensamento.

E Virgo retornou ao seu lugar.

''A ti, Libra, dou a missão de servir, para que o homem esteja ciente dos seus deveres para com os outros; para que ele possa aprender a cooperação, assim como a habilidade de refletir o outro lado das suas ações. Hei de levar-te aonde quer que haja discórdia, e por teus esforços te concederei o dom do Amor.''

E Libra voltou ao seu lugar.

''A ti, Scorpio, darei uma tarefa muito difícil. Terás a habilidade de conhecer a mente dos homens, mas não te darei a permissão de falar sobre o que aprenderes. Muitas vezes te sentirás ferido por aquilo que vês, e em tua dor te voltarás contra Mim, esquecendo que não sou Eu, mas a perversão da Minha Idéia que te faz sofrer. Verás tanto e tanto do ser humano, que chegarás a conhecer o homem enquanto animal, e lutarás tanto com os instintos animais em ti mesmo, que perderás o teu caminho; mas quando finalmente voltares a mim, Scorpio, terei para ti o dom supremo da Finalidade.

E Scorpio retornou ao seu lugar.

''Sagitário, a ti Eu peço que faças os homens rirem, pois entre as suas distorções da Minha Idéia eles se tornam amargos. Através do riso, darás ao homem a esperança, e através da esperança voltarás os seus olhos novamente para Mim. Chegarás a ter muitas vidas, ainda que só por um momento; e em cada vida que atingires conhecerás a inquietação. A ti, Sagitário, darei o dom da Infinita Abundância, para que te possas expandir o bastante até atingir cada recanto onde haja escuridão, e levar até ele a luz.''

E Sagitário voltou para o seu lugar.

''De ti, Capricórnio, quero suor da tua fronte, para que possas ensinar aos homens o trabalho. Não é fácil a tua tarefa, pois sentirás todo o labor dos homens cair sobre os teus ombros; mas, pelo jugo da tua carga, ponho em tuas mãos a Responsabilidade sobre o homem.''

E Capricórnio retornou ao seu lugar.

''A ti, Aquarius, dou-te o conceito de futuro, para que através de ti o homem possa ver outras possibilidades. Terás a dor da solidão, pois não te permito personalizar o Meu amor. Mas, para que possas voltar os olhares humanos em direção a novas possibilidades, eu te concedo o dom da Liberdade, de modo que livre possas continuar a servir a humanidade onde quer que ela necessite de ti.''

E Aquarius voltou ao seu lugar."

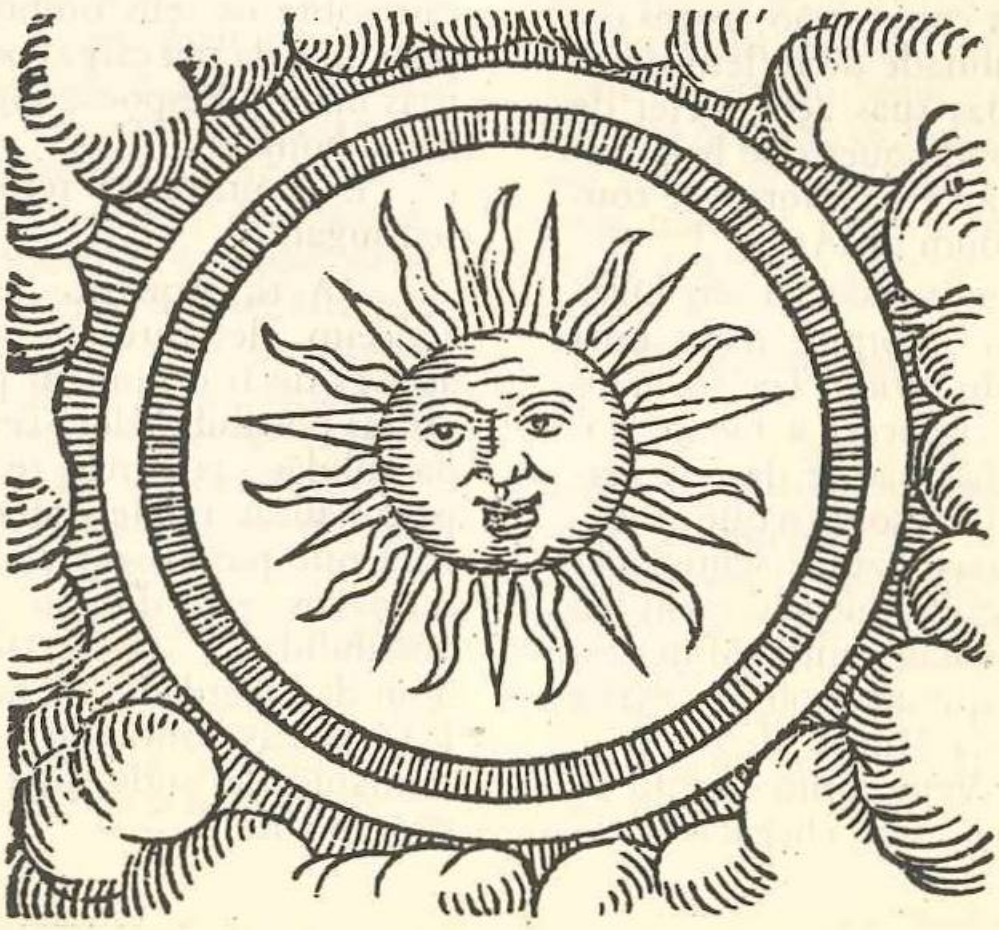
"A ti, Pisces, dou a mais difícil tarefa de todas. Peço-te que reúnas todas as tristezas dos homens e as tragas de volta para Mim. Tuas lágrimas serão, no fundo, Minhas lágrimas. A tristeza e os padecimentos que terás de absorver são o efeito das distorções impostas pelo homem à Minha Idéia, mas a ti cabe levar até ele a compaixão, para que ele possa tentar de novo. Por essa tarefa supremamente difícil Eu te faço o dom mais alto de todos. Tu serás o único de Meus doze filhos que Me compreenderá. Mas este dom do entendimento é só para ti, Pisces, pois quando tentares difundi-lo entre os homens eles não te escutarão."

E Pisces voltou ao seu lugar.

... Então Deus disse: "Cada um de vós tem uma parte da Minha Idéia. Não deveis confundir a parte com o todo dessa Idéia, nem podereis negociar vossas partes entre vós. Pois cada um de vós é perfeito, mas não compreendereis isso até que vós doze sejais Um. Pois então o todo da Minha Idéia será revelado a cada um de vós."

E as crianças foram embora, cada uma determinada a executar seu trabalho da melhor maneira, para poder receber o dom que lhe havia de caber. Mas nenhum entendeu plenamente sua tarefa, e quando voltaram, confusos, Deus disse: "Cada um de vós acredita que o dom do outro é melhor. Por isso, Eu permitirei que negocieis entre vós." E, por um momento, cada criança ficou entusiasmada, imaginando as possibilidades da nova missão.

Mas Deus sorriu e disse: "Voltareis a Mim muitas vezes, pedindo-Me para serdes liberados de vossas missões. E em cada vez que isso acontecer, Eu atenderei vosso pedido. Passareis através de inumeráveis encarnações antes que a missão originária que vos prescrevi esteja completada. Dou-vos um tempo infinito para que a completeis, pois só quando terminada a missão é que podereis estar Comigo."



Junho-agosto: aspectos e posições planetárias

por Antonio Carlos Harres

JUNHO

16 a 17. Surgem vários aspectos ativos e passivos, envolvendo os planetas de marcha mais rápida, indicando, de um lado, o progresso e a renovação, novos impulsos e entusiasmos, mas, por outro, a reorganização dos atrasos, os desconfortos e algum resfriamento nas amizades. Mas, pelos aspectos positivos de Vênus e Júpiter, existe a plena possibilidade de tudo se harmonizar e alcançar um entendimento. São dias mostram o que existe de enfraquecido e de errado e que precisa ser melhorado, mas existem as condições para estas renovações e melhorias.

18 a 19. Igual ao anterior; com o sêxtil da Lua com Sol, que pode propiciar maior alegira de viver e favorecer o que necessite contar com a colaboração de grupos.

20 a 21. São dias em que é necessário evitar o que possa causar atritos e choques, discussões e divergências. Há uma tendência ao aumento dos acidentes. Deve-se procurar agir com calma e prudência para não haver atritos.

22 a 23. O Sol entra em Câncer, no Solstício de inverno do hemisfério Sul, onde ele alcança sua máxima declinação Norte. É um dia onde devemos procurar controlar a imaginação e a sensibilidade observando o que se manifesta de instável, especialmente em assuntos de relacionamento afetivo, que precisa ser esclarecido e melhorado.

24 a 25. São dias favoráveis para a arte, o embelezamento, a harmonia e o conforto. É também um período de reorganização em assuntos sociais e coletivos, favorece o que quer se realizar para maior alegria de viver. São dias de harmonia, de entendimentos e de despertar da consciência coletiva através da arte e da estética.

26 a 27. Vênus entra em oposição com Netuno, indicando um período onde é preciso ter atenção e cuidado com os assuntos emocionais e afetivos. Facilmente surgem situações embrulhadas e confusas, que precisam ser esclarecidas e melhoradas. Deve-se ter cuidado com a alimentação e com tudo o que possa causar intoxicações. É preciso controlar os desejos e as emoções para não criarmos para nós mesmos as decepções. Recomendável evitar grandes investimentos e aplicações de capitais.

28 a 30. Igual ao anterior, porém amenizado. O sextil de Mercúrio e Marte favorece os esportes, as comunicações e as novas iniciativas, especialmente as comerciais. É também um período favorável para o que se relaciona com o público. No dia 30, a Lua estará em conjunção com Saturno e quadratura Netuno, o que pode trazer algumas situações instáveis e confusas, necessitando cuidado e atenção.

JULHO

1º a 2. Sol em aspecto ativo com Saturno traz um período de firmeza, estabilidade e segurança, especialmente sobre tudo o que se relacona ao passado, às tradições, ao que se quer iniciar e que deva ter longa duração. Esta vibração favorece o que se relaciona com pessoas de mais idade e experiência. Também para tratar assuntos de bens imóveis, terras, é positivo. Os estudos que exigem concentração, são feitos com êxito nesta fase.

3 a 4. Período favorável para assuntos artísticos e de reorganização social e coletiva. O que nessitamos embelezar, harmonizar e equilibrar, será positivo.

5 a 6. São dias de expansão e de progresso, especialmente pelo trígono de Sol e Lua, bem como a conjução da Lua com Urano e sextil Saturno. É uma fase de novos impulsos, que estão baseados em fundamentos da experiência e do amadurecimento. Positivo para o que depende de atividades públicas.

7 a 8. Prepara-se o trígono do Sol com Urano e a quadratura do Sol a Plutão, indicando um período onde de um lado surge progresso, renovação, novos impulsos e dinamização. Favorece o que se relaciona à Astrologia e ao futuro, indicando repentinas mudanças e

alterações que libertam e renovam. Por outro lado, o aspecto com Plutão indica que vem à tona o que há de enfraquecido e de errado e que precisa ser reformado. Nada deve ser forçado. Facilmente surgem lutas com a ignorância e a inconsciência. Poderá haver terremotos, movimentos sísmicos, dificuldades relacionadas com a energia nuclear, acontecimentos que se refletem sobre a coletividade e a comunidade.

9 a 10. Igual ao anteiror, intensificado também pela quadratura Saturno e Marte, que traz um período onde há maior tendência aos acidentes, incêndios, divergências. Deve-se evitar os excessos, as discussões e o que possa causar atritos. É aconselhável agir com calma e evitar riscos. Mas de forma geral, de todos estes aparentes choques e contrastes, surge renovação e progresso.

11 a 12. Iguais aos anteriores e pela aproximação do Paralelo Saturno/Plutão, há maior tendência às dificuldades com assuntos nucleares devendo-se também observar movimentos sísmicos, erupções vulcânicas. Há também um aumento de atos inconscientes, do fanatismo, que se refletem sobre a coletividade, de alguma forma sacudindo e despertando. Mas é um período onde devemos evitar de querer forçar as coisas.

13 a 14. Igual ao anterior, porém o paralelo é agora mais exato. A passagem da Lua sôbre o Nó Lunar descendente pode trazer um período de enfraquecimento no que depende do contato público.

15 a 16. Já são dias onde existem aspectos mais ativos, favorecendo alguma expansão e crescimento. É também um período onde podem surgir entendimentos e ajustamentos, solidificação e concretização de ideais. Positivo para as viagens, para o início de novas atividades e para tomada de decisões.

17 a 18. Igual ao anterior, favorecendo os entendimentos, o que se relaciona com atividades intelectuais, o que depende da palavra falada e escrita. Também o comércio e o ensino estão num período de crescimento e expansão.

19 a 20. De um lado vem à tona o que está errado e que precisa ser reformado, por outro, existe uma conscientização, uma energia de poder regenerar e melhorar, despertando e estimulando a criatividade, tanto a nível individual como coletivo. Mas deve-se evitar querer as coisas, buscando-se agir com os olhos abertos.

21 a 22. Há uma tendência às intoxicações e a falta de visão clara. Deve-se evitar o que possa intoxicar e causar confusões. É um período de instabilidade no plano financeiro e político, especialmente a nível internacional. Mas destas incertezas e instabilidades poderá surgir algum impulso de renovação e de progresso.

23 a 24. O Sol entra em Leão, seguindo-se a lunação, que indica um período onde pode haver alguma lentidão no desenvolvimento dos interesses externos. O aspecto favorece as preparações. Mas deverá ser um período positivo para o tudo o que se relacione à alegria de viver.

25 a 26. A Lua passa sôbre a quadratura Júpiter e Urano o que indica um período de exaltação, excitação, com tendência aos choques e divergências, aos protestos e ao que possa gerar oposições. Mas por outro lado estão ativação os aspectos de Júpiter com Plutão e Netuno, o que traz esclarecimentos, reformas e reorganizações. Somente devemos evitar as precipitações.

27 a 28. Favorável para o que depende de popularidade, de novas ligações e contatos sociais. No dia 28 é aconselhável agir-se com clareza e paciência, evitando o que possa gerar confusões e mal-entendidos.

29 a 31. Chegam ao auge os aspectos já indicados de Júpiter com Urano, Netuno e Plutão, sen-

do um momento de novos impulsos e de progressos, mas onde poderão surgir alterações e mudanças repentinas. facilmente surgem protestos, revoltas e choques, mas o resultado positivo pode se refletir num despertar e esclarecer da consciência coletiva.

AGOSTO

1.º a 2. São dias em que a Lua, transitando em Escorpião, intensifica a quadratura Júpiter/Urano. Deve-se evitar o que possa trazer choques e protestos. É também um período onde facilmente se mostram as falhas da técnica e da ciência. Mas como agem ainda os aspectos positivos de Netuno e de Plutão, vemos que há possibilidade de reorganização, de progressos e de conscientização dentro das tempestades e das sacudidas de Urano. O importante é agir com reflexão e evitar-se precipitações.

3 a 4. Positivo para a política internacional e o que se relaciona a finanças, aplicação de capitais e investimentos. Também favorece os interesses místicos, espirituais e o que se quer esclarecer, limpar, perdoar, apaziguar. Também a conjunção Mercúrio/Vênus é positiva para os assuntos artísticos e culturais.

5 a 6. São dias em que poderá haver maior segurança e estabilidade. favorece o que se relaciona à agricultura e à terra. É também um período farovável para o que se relaciona à concentração nos estudos e o que se quer solidificar, consolidar e concretizar.

7 a 8. A Lua chega ao auge da fase *Cheia,* trazendo de um lado uma ativação da consciência coletiva social para o que precisa ser renovado e esclarecido. É também um período onde poderão surgir decisões de governantes que se refletem de forma positiva nas coletividades. Mas poderão surgir protestos e revoltas, alterações e instabilidades. Especialmente poderão ocorrer fenômenos da natureza pelas alterações dos campos eletromagnéticos terrestres. Há uma tendência ao aumento dos acidentes, das falhas dos artifícios humanos. Devemos procurar refletir e evitar as precipitações.

9 a 10. Continuam as tendências anteriores de surgirem reformas e reorganizações que se refletem sôbre a coletividade, esclarecimentos, ajustamentos, especialmente na política internacional, havendo maior entendimento e compreensão. Mas por outro lado, podem facilmente haver instabilidades e inquietações, surgindo revoltas e oposições. O que há de enfraquecido e de errado vem à tona para ser reformado e renovado. Dificuldades para os transportes aéreos, as pesquisas científicas, o que se relaciona com a eletricidade e a energia nuclear.

11 a 12. Igual ao anterior, com maior tendência aos acidentes, hostilidades e incêndios. É recomendável prudência. Mas os aspectos positivos de Netuno e de Plutão indicam o apoio do invisível. Por outro lado, surgem ajustamentos e entendimentos que apoiam e auxiliam. Período favorável para o desenvolvimento psíquico e espiritual, mas deve-se evitar de querer forçar as situações e as circunstâncias.

13 a 14. Sol em conjunção a Júpiter e Vênus em trígono com Netuno e conjunção a Júpiter, indicam possibilidades de entendimentos e de paz entre os homens, especialmente nos ambientes políticos internacionais. É uma fase de ajustamentos e de convergência de pontos de vista de direitos. Artísticamente é também um período muito importante.

15 a 16. Intensificam-se os aspectos anteriores, havendo entendimentos favoráveis. Fase positiva para a arte e as atividades sociais, o que se busca criar em harmonia e equilíbrio.

17 a 18. Igual ao anterior, sendo um período de expansão e movimentação positiva.

19 a 20. Positivo para o que se quer renovar e dinamizar, para criar progresso e libertação. Somente poderão surgir algumas desorganizações e lutas com a consciência coletiva. Deve-se evitar querer forçar as coisas. ■

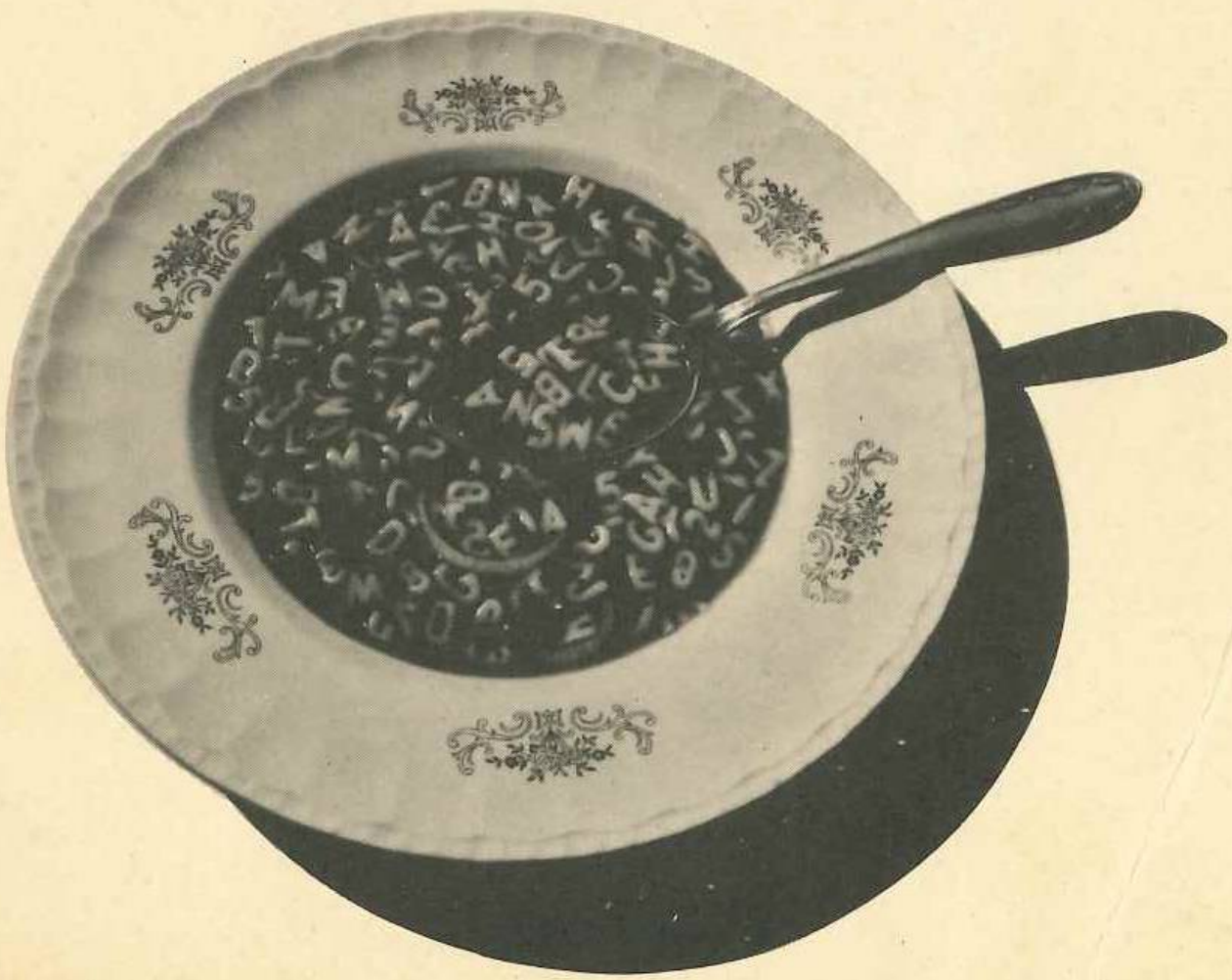
UM APELO:

Faça Fotocomposição nesta empresa, PELO AMOR DE DEUS!!!

Livros, revistas, textos publicitários, cartazes, displays, carta pra namorada, bilhetinhos pra mamãe, inutilidades literárias e o que mais sua imaginação permitir.

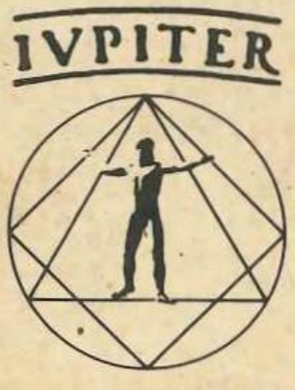
ANDRADE & BARBOSA ASSOCIADOS FOTOCOMPOSIÇÃO

Gal. Jardim, 608 — Vila Buarque
259-0135 / 256-3146 / 259-6830 / 259-6781
SÃO PAULO



"Os antigos inventaram um sistema — a astrologia — e esse sistema se revelou operante e fecundo"

CLAUDE LÉVI-STRAUSS



ESCOLA JÚPITER DE ASTROLOGIA
R. RAGGIO NÓBREGA, 40
(TRAVESSA DA GABRIEL MONTEIRO DA SILVA)
JARDIM AMÉRICA — CEP 01441
SÃO PAULO — SP